

Deixa dizer-te os lindos versos raros
que a minha boca tem pra te dizer!
São talhados em mármore de Paros
cinzelados por mim pra te oferecer.

Têm dolências de veludos caros,
são como sedas pálidas a arder...
deixa dizer-te os lindos versos raros
que foram feitos pra te endoidecer!

Mas, meu amor, eu não tos digo ainda...
que a boca da mulher é sempre linda
se dentro guarda um verso que não diz!

Amo-te tanto! E nunca te beijei...
e, nesse beijo, amor, que eu te não dei
guardo os versos mais lindos que te fiz!

Florbela Espanca, Os Versos que Te Fiz; de
Sessenta Sonetos de Amor e Uma Carta Desesperada
(Seleção Nuno Júdice): Livr. Civ. Ed., Porto 1995

Amor! Anda o luar, todo bondade,
beijando a terra, a desfazer-se em luz...
Amor! São os pés brancos de Jesus
que andam pisando as ruas da cidade!

E eu ponho-me a pensar... Quanta saudade
das ilusões e risos que em ti pus!
Traçaste em mim os braços dum cruz,
neles pregaste a minha mocidade!

Minh'alma, que eu te dei, cheia de mágoas,
é nesta noite o nenúfar dum lago
estendendo as asas brancas sobre as águas!

Poisa as mãos nos meus olhos, com carinho,
fecha-os num beijo dolorido e vago...
e deixa-me chorar devagarinho...

Florbela Espanca (1894-1930), Noturno; de
Sessenta Sonetos de Amor e Uma Carta Desesperada
(Seleção Nuno Júdice): Livraria Civilização Ed., Porto 1995

Rasga esses versos que eu te fiz, amor!
Deita-os ao nada, ao pó, ao esquecimento,
que a cinza os cubra, que os arraste o vento,
que a tempestade os leve aonde for!

Rasga-os na mente, se os souberes de cor,
que volte ao nada o nada dum momento!
Julguei-me grande pelo sentimento,
e pelo orgulho ainda sou maior!...

Tanto verso já disse o que eu sonhei!
Tantos penaram já o que eu penei!
Asas que passam, todo o mundo as sente...

Rasga os meus versos... Pobre endoidecida
Como se um grande amor cá nesta vida
não fosse o mesmo amor de toda a gente!...

Florbela Espanca (1894-1930), Os Meus Versos; de
Sessenta Sonetos de Amor e Uma Carta Desesperada
(Seleção Nuno Júdice): Livr. Civ. Editora, Porto 1995

Há políticos matreiros
a nos fazerem de bobos:
sociedade de carneiros
gera governo de lobos.

Ziver Ritta, em
Fanal 0203

Do sentimento à razão,
vive o homem seu conflito...
tendo os pés presos ao chão,
deseja o espaço infinito!...

Maria Dolores Paixão Lopes, em
XXXII JF de Nova Friburgo 1991

A morte vem... - tarde ou cedo -
com brumas no fim da estrada.
São as neblinas do medo...
- Talvez tudo... - Talvez nada!...

Joubert de Araújo Silva, em
XXXII JF de Nova Friburgo 1991

O examinador de História
teve a audácia de querer
que eu soubesse de memória,
coisas de antes de eu nascer!

Eno Theodoro Wanke F, em
Trevo na Trova 0203

O outono chegou manso
e em teu rosto, bem fininhos,
pôs traços, que não me canso
de apagar com meus carinhos.

Maria Helena Calazans Duarte, em
BIUBT SP 0203

Graças a um certo percalço
encontreste enfim, marido...
Como vêm, um passo em falso
nem sempre é um passo perdido...

A. Bobbela Mota, em
Trovaegre 0203

Ostono	Inverno	Primavera	Verão
Frágeis boninas rastejando pelo chão colorem a relva. Carmen Liliana S. de Oliveira	O cão coça-coça - escondido no seu pelo carrapato-pólvera. Mahelen Madureira	Borboletas, flores. As cores se confundem no nosso jardim. Ligia Helena dos Santos Alencar	No meio das árvores goteja o que já passou chuva de verão. Carlos Roque Barbosa de Jesus
Galhos desabando... Que fatura de caqui chovendo no chão. Hassel de São Francisco	Na calçada fria só um pardal a ciscar um pouco de sol. Mercedes Luggeri	Quatro olhos atentos. Menino e cão encantados - bolha de sabão. Madô Martins	Atrás da porta trapézio improvisado aranha artista. Carmen Liliana Sarubbi de Oliveira
Faisca no céu carregada de pedidos a estrela cadente. Madô Martins	Neste bate-papo cheiro de churrasco rola - quermesse no Sesc. Neila Bittencourt Pereira	Atravessa a rua sem observar o trânsito - uma borboleta. Mahelen Madureira	Nas curvas da serra deslumbrante paisagem verde em vários tons. Ligia Helena dos Santos Alencar
Nave de igreja - as orquídeas enfeitando ansiosa espera. Renata Vilela	Saudosa quadrilha como esta de São João tua mãe na minha... Roberto Lopes	Meninos se unem no girar do cata-vento vibração na rua... Maria Regina da Silva	Tremula no aquário bela flâmula listrada - acará-bandeira. Madô Martins
Metas ressoando ao longe no balanço do vento outonal. Robson Alves	Revoada de pássaros grafite em fundo cinzento na manhã de inverno. Sonia Rodrigues	No vestido branco lembrança da travessura e o sabor da amora. Mercedes Luggeri	Quebrando o silêncio da cidade sonolenta - um céu de trovões. Mahelen Madureira
Libélula em voo - rasteja no chão de terra a sombra em zigzague. Sergio de Jesus Luizato	Festival das Estrelas - velhinhas sexagenárias adolescem dançando. Teruko Oda	Sob o sol - cores e alegria de criança bolha de sabão. Neila Bittencourt Pereira	A água da bica suavemente desliza na pele suada... Maria Regina da Silva
Inverno	Primavera		
Pedras pequenas galinhas cisam e procuram córrego seco. Carlos Roque Barbosa de Jesus	Suave pender pequenos círculos n' água o capim e a brisa. Carlos Roque Barbosa de Jesus	Balcão de padaria disputando o pão-doce uma abelha e eu. Sergio de Jesus Luizato	Cá - som do violão acolá - voz do cantor sibila a cigarra. Neila Bittencourt Pereira
Apesar do sol a pantufa de pelúcia. Tarde de inverno. Doralice Croce	Bailando no ar pipa tece arabescos garoto sorri. Carmen Liliana Sarubbi de Oliveira	No aroma da brisa sem pétalas nem corolas o jardim inteiro. Sônia Adharias Soares	Pára um instante a correria no recreio - surge um arco-íris. Paulo Rodrigues
Crianças se divertem tapetes de folhas secas crocantes no chão. Ligia Helena dos Santos Alencar	Calor de primavera - pisando a areia morna o velho e a criança. Doralice Croce	Hortinha caseira - no cardápio das lagartas meu pé de espinafre. Teruko Oda	Um pulo, uma dúvida a sapeca lagartixa onde se escondeu? Renata Vilela
Pelo céu escuro brincando de ser estrela lá vem o balão. Madô Martins	Abrindo a janela... Corruira saltitante salta aqui, salta ali. Hassel de São Francisco		Tardinha de sol no campo de girassóis perco meus filhos. Sergio de Jesus Luizato
			No galho intacto ardente cigarra serra o ar e meu sono. Sônia Adharias Soares

Antologia de 6º Aniversário - 5ª Antologia, 2001; Grémio de Haicai Caminho das Águas:
a/c Sesc Santos, Rua Conselheiro Ribas 136, CEP 11040-050 - Santos, SP: telefone 0.13 3227-5959

Exemplo de verbo reflexivo de Napoléon Mendes de Almeida: *O capitalista matou-se, ele só pensava em si.*

O livro que alguém sublinha
reveste-se de outra autoria;
ali registram-se ênfases,
escolhas que antes não havia.

Se os livros na estante
de alguém já o denunciam
- como, de resto, as demais
coisas suas, pessoais:
roupas, fotografias,

o livro que esse alguém,
além de ler, amacia
com riscos, nósdoas, com
mãos reivindicativas,
termina por se tornar
tão íntimo que exclusivista,
como um lado do lar
que não se abre às visitas.

Como um lado do lar,
melhor dizer, de sua vida,
que não se abre ou publica:
resguarda

as coisas não ditas.
O Leitor Sobre o Livro

Eu vi o homem morto
na esquina

não era morto, já: anunciado.
Era homem no estertor,
cruzando a linha
que limita o gesto alucinado.
Pois, o homem previamente
assassinado
no seu estertor

se viu cercado

de olhares
sedentos como balas,
de olhares-tiros disparados.

Soube então,
o homem em desatino,
caindo o pano do último ato,
soube o seu papel,
o seu destino:
vida-reles, morte-espetáculo.

(Cumprido o fado,
vão-se os assistentes,
vai-se toda gente,
mancha semovente,
rúbrida
de mórbido orgasmo.)

O Morto

Saqueira a carga destrilhada:
cerveja, cimento,
milho, água
- alegria
de pesar no ombro
a sobrevida prolongada.

Trazer, sorrindo, à casa,
o renovado fomento,
o novo combustível.
Arrancar a murros,
ou dentadas,
um leite qualquer
do peito possível.

Arte de Furtar

Papai, eu não sou culpada,
nem meu namorado Bento.
A moita é mal assombrada...
Geme e sacode sem vento!!!

Adelir Coelho Machado

Vida, ensino permanente
da mais pura realidade...
Bela ciência que a gente
não aprende em faculdade...

Adilson da Silva Maia

O tolo sempre se engana,
ao julgar o seu saber;
o sábio nunca se ufana
e passa a vida a aprender!

Alba Helena Corrêa

Os ventos, com longos galhos
de eucaliptos perfumados,
espalham, em mil altalhos,
suas folhas e recados...

Amália Marie Gerda Bornheim

Cada vez que, solitária,
eu temo que a dor me vença,
tua ausência, solidária,
traz a mim tua presença...

Angélica Maria Villela Rebelo Santos

Uma porta sempre aberta
para quem trouxe carinhos
faz de uma casa modesta
o mais sagrado dos ninhos.

Doroni Hilgenberg

Desse bilhete velho
o passado não se apaga:
- onde falta um pedacinho
a saudade cobre a vaga...

Elen de Novais Felix

Não perca o sonho de vista,
esqueça a preguiça e a farrá...
Qualquer ideal se conquista
com muito trabalho e garra.

Gercy Pinheiro de Souza

Pai, carinho, proteção,
amigo sempre presente,
do filho, quanta emoção
de poder vê-lo contente.

Liane de Souza Arêas

Por mais simples, mais modesta,
que nos possa parecer,
a vida é sempre uma festa
para quem sabe viver!!!

Maria Madalena Ferreira

Quando eu ouço a tua voz
meu coração acelera;
parece haver, entre nós
um sonho feito de espera.

Olga dos Santos Bussade

Mãe, se hoje me fosse dado
voltar atrás no viver,
viveria com cuidado
p' ra te não deixar sofrer!

Olíria Alvarenga

Minha decisão tenaz:
amar, a que preço for.
(Pois o segredo da paz
está contido no amor!)

Walma da Costa Barros

Cantigas de Agora e Sempre, 2002
Organizadores: Adilson da Silva Maia/
Elen de Novais Felix
Rua Visconde de Itaboraí 393, Apto. 404,
Centro; CEP 24030-093 - Niterói, RJ

Com seus pássaros
ou a lembrança de seus pássaros,
com seus filhos
ou a lembrança de seus filhos,
com seu povo
ou a lembrança de seu povo,
todos emigram.
De uma quadra a outra
do tempo,
de uma praia a outra
do Atlântico,
de uma serra a outra
das cordilheiras,
todos emigram.
Para o corpo de Berenice
ou o coração de Wall Street,
para o último templo
ou a primeira dose de tóxico,
para dentro de si
ou para todos, para sempre
todos emigram.

Alberto da Cunha Melo, Canto dos Emigrantes

Este país é uma empresa nossa -
e esta foi a carta constitucional do país
escrita pelo Padre Manuel da Nóbrega:
não era uma empresa do rei, de sua corte,
de seu clero, de seu Tesouro, de suas armas:
empresa nossa - de cada capitão
cada soldado, cada padre, cada bolsa
cada um de seus fundadores
e cada sonho era um feudo e cada feudo um sonho
e cada sonho um perigo e cada marinheiro
ao pisar a terra pisava seu próprio feudo
seu risco sua vida e sua morte - e era senhor
de seu risco, sua vida e sua morte em busca
de seu império:

Sebastião!
Sebastião!

Cada palmo de chão é a sesmaria de seu reino
e cada reino um engenho na lua
onde talvez morava o rei e o rei
era o puro clamor de seu próprio nome:

Sebastião!
Sebastião!

E era a empresa de cada negro no eito e nos palmares
seus olhos também no horizonte do mar e da montan
das Angolas e das Serras Leões onde reinara
e agora aqui também à espera do Esperado:

Sebastião!
Sebastião!

E era a empresa do tamoiu com seu cocar
de ouvido colado ao chão - das várzeas
esperando o rumor dos passos do Encoberto
na marcha que viria pelos vales do Oeste:

Sebastião!
Sebastião!

Um dia saberemos: é por dentro de nós que ele viaja
e espantados narcisos olharemos
no cristal das lagoas e regatos
nosso próprio rosto - e o trom das cachoeiras
e o clangor das seriemas no tabuleiro
repetirão ao conhecer
cada um dos moradores da aventura e da aurora noss:

Sebastião!
Sebastião!

E somos nós
nossa própria esperança.

Sebastião sou eu.

Gerardo Mello Moura, Invenção do Mar (Canto Quinto, III)

Os Cem Melhores Poetas Brasileiros do Século
(José Nêumanne Pinto): Luiz F. Emédiate, 2001

TEMAS DA SAZÃO (QUIDAI)S OUTONO



Parreira florida, balaios cheios de uvas, fartura de mel. Ailson Cardoso de Oliveira	Um bando de gralhas e o pinheiro fica azul. Pinhão na panela! Fernando Vasconcelos	Sobre a plantaço a nuvem de gafanhotos... Sobra a desolação... M. U. Moncam
No barulho azul olhos das crianças param: gritos das araras... Alba Christiani	O pinhão maduro se despenha no chão. Festa para os pássaros. Alba Christiani	Pingentes vermelhos diminuindo na verdura. Dia do Café. Manoel F. Menendez
E Dia do Índio confinado nas reservas, ...roupas do invasor! Angela Togeiro	Dois barcos se cruzam e logo desaparecem... Chuva de outono. Guim Ga	Azul, branco e roxo, meu jardim hoje mais belo. Manacá florido. Nadyr Leme Ganzert
Na estrada deserta companhia aos motoristas – o clarão da lua. Antônio Seixas	Um gole bem quente... o sabor aprimorado. Dia do Café. Haroldo R. Castro	Parque Trianon. Árvore-do-viajante espia quem passa. Olga Amorim
Folhagem de arbusto silente cõa o clarão. Cacos de luar. Helvécia Duroso	De tão madura abre largo sorriso. Gostosa tomã. Helvécia Duroso	Pomã saborosa sementes, cascas no chão. Fruteira vazia. Patrícia Maria Patrício
Cestas de abacates, colhidos lá no pomar, enfeitando a mesa. Derey de Freitas	Um mataquear na mata: pica-pau bicando. Héron Patrício	olhando o clarão da lua. Pensamento longe. Regina Célia de Andrade
É noite, olho o céu, vejo o clarão da lua. Lembro Debussy. Djalda Winter Santos	Deslizando ao tato barulham no varejão o pinhão do mato. José Walter da Fonseca	Suspense no bico, o beija-flor leva o pólen. E o cravo agradece. Roberto Resende Vilela
No pé, correntinha! Girando sestrosa a arara mostra as belas cores. Edel Costa	Pelo grande rio transpassam raios de luz. Sardinhas à vista. Larissa Lacerda Menendez	Riscando de luz o quadro negro do céu, estrela cadente... Santos Taedósio
Como faz especial vai retratando o relâmpago o céu carrancudo... Ercy M. M. de Faria	Em círculo, aguardam banquete no acampamento. Sardinhas na brasa. Lávia Lacerda Menendez	Mancha no mar Cardume de sardinhas! Rede ou garatêa? Sérgio Serra
Brancura acentua da pia em mármore um brilho... -Ah, o clarão da lua! Fernando L. A. Soares	Doce, um jeito de mulher! - Ah, o vendedor. Leonilda Hilgenberg Justus	No clarão da lua sombrias marcadas no chão... Os dois de mãos dadas. Yedda Ramos Maia Patrício

SELEÇÕES MENSAIS
FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAUCUS
Remeter até 30.04.02, quigos à escolha:
Colheita de Arroz, Hibisco, Robalo.
Remeter até 30.05.02, quigos à escolha:
Algodão, Codorna, Dia do Escoteiro.

Cada haicu deve ser como um instantâneo diante do quigo (palavra da sação). Evitar ao máximo pois, todo o texto impossível de ser revelado numa fotografia.

Sobre os trabalhos remetidos, quando necessário, orientar-se visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção do haicu. Enviar para:

Manoel Fernandes Menendez
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
01150-011 - São Paulo, SP

- Preencher até três haicus, (veja quigos acima, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à *natureza*.
- Posteriormente o haicista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.
- Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicista enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicu de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.
- O resultado (somatório de todos os votos assim enviados),

SENRIU À OCCIDENTAL.º – SENRIU (TREVO PERSONAGEM*)

Nosso maior bem: ° todo dia tem que ser "Dia da Saúde". Djalda Winter Santos	A mesa em que sento * há sardinhas portuguesas. - Importa o soltaque? Edmar Japiassú Maia
Semestário vermelho. ° Branças e rosadas camadas... Rômá fruto e chá. Nilton Manoel	O cheiro de cravo * nela, que é cor de canela, me faz seu escarvo. João Elias dos Santos

B E L A A V I A ã O D E M E C I D A

Era bela, elástica, com uma pele suave da cor do pão e olhos de amêndoas verdes, e tinha o cabelo liso e negro e longo até as costas, e uma aura de antiguidade que tanto podia ser da Indonésia como dos Andes. Estava vestida com um gostoso sutil: jaqueta de linde, blusa de seda natural com flores muito tênues, calças de linho cru, e uns sapatos rasos da cor das buganvílias. "Esta é a mulher mais bela que vi na vida", pensei, quando a vi passar com seus sigilosos passos de leoa, enquanto eu fazia fila para abordar o avião para Nova York no aeroporto Charles de Gaulle de Paris. Foi uma aparição sobrenatural que existiu um só instante e desapareceu na multidão do saguão.

Eram nove da manhã. Estava nevando desde a noite anterior, e o trânsito era mais denso que de costume nas ruas da cidade, e mais lento ainda na estrada, e havia caminhões de carga alinhados nas margens, e automóveis fumegantes na neve. No saguão do aeroporto, porém, a vida continuava em primavera.

Eu estava na fila atrás de uma anciã holandesa que demorou quase uma hora discutindo o peso de suas onze malas. Começava a me aborrecer quando vi a aparição instantânea que me deixou sem respiração, e por isso não soube como terminei a polêmica, até que a funcionária me baixou das nuvens chamando minha atenção pela distração. À guisa de desculpa, perguntei se ela acreditava nos amores à primeira vista. "Claro que sim", respondeu. "Os impossíveis são os outros." Continuei com os olhos fixos na tela do computador, e me perguntei que assento eu preferia: fumante ou não-fumante.

- Dá na mesma - disse categórico -, desde que não seja ao lado das onze malas. Ela agradeceu com um sorriso comercial sem afastar a vista da tela fosforescente.
- Escolha um número - me disse. Três, quatro ou sete.
- Quatro.
Seu sorriso teve um fulgor triunfal.
- Nos quinze anos em que estou aqui - disse -, é o primeiro que não escolhe o sete.

Marcou no cartão de embarque o número do assento e me entregou com o resto de meus papéis, olhando-me pela primeira vez com uns olhos cor de uva que me serviram de consolo enquanto via a bela de novo. Só então me avisei que o aeroporto acabava de ser fechado e todos os vôos estavam adiados.
- Até quando?
- Só Deus sabe - disse com seu sorriso. - O rádio avisou esta manhã que será a maior nevada do ano.

Enganou-se: foi a maior do século. Mas na sala de espera da primeira classe a primavera era tão real que havia rosas vivas nos vasos e até a música enlatada parecia tão sublime e sedante como queriam seus criadores. De repente pensei que aquele era um refúgio adequado para a bela, e procurei-a nos outros salões, estremeado pela minha própria audácia. Mas na maioria eram homens da vida real que liam jornais em inglês enquanto suas mulheres pensavam em outros, contemplando os aviões mortos na neve através das janelas panorâmicas, contemplando as fábricas glaciais, as vastas plantações de Roissy devastadas pelos lobes. Depois do meio-dia não havia um espaço disponível, e o calor tinha-se tornado tão insuportável que escapei para respirar.

Lá fora encontrei um espetáculo assustador. Gente de todo tipo havia transbordado as salas de espera e estava acampada nos corredores sufocantes, e até nas escadas, estendida pelo chão com seus animais e suas crianças, e seus trastes de viagem. Pois também a comunicação com a cidade estava interrompida, e o plástico transparente parecia uma imensa cápsula espacial encailhada na tormenta. Não pude evitar a ideia de que também a bela deveria estar em algum lugar no meio daquelas hordas mansas, e essa fantasia me deu novos ânimos para esperar.

Na hora do almoço havíamos assumido nossa consciência de náufragos. As filas tornaram-se intermináveis diante dos sete restaurantes, as cafeterias, os bares abarrotados, e em menos de três horas tiveram de fechar tudo porque não havia nada para comer ou beber. As crianças, que por um momento pareciam ser todas as do mundo, puseram-se a chorar ao mesmo tempo, e começou a se erguer da multidão um cheiro de rebanho. Era o tempo dos instintos. A única coisa que consegui comer no meio daquela rapina foram os dois últimos copinhos de sorvete

de creme numa lanchonete infantil. Tomei-o pouco a pouco no balaço, enquanto os garçons punham as cadeiras sobre as mesas na medida em que elas se desocupavam, olhando-me no espelho do fundo, com o último copinho de papalão e a última colherzinha de papalão, e com o pensamento na bela.

O vôo para Nova York, previsto para as onze da manhã, saiu às oito da noite. Quando finalmente consegui embarcar, os passageiros da primeira classe já estavam em seus lugares, e uma aeronoça me conduziu ao meu. Perdi a respiração. Na poltrona vizinha, junto da janela, a bela estava tomando posse de seu espaço com o domínio dos viajantes experientes. "Se alguma vez eu escrever isto, ninguém vai acreditar", pensei. E tentei de leve em minha meiz língua um cumprimento indecizo que ela não percebeu.

Instalou-se como se fosse morar ali muitos anos, pondo cada coisa em seu lugar e em sua ordem, até que o local ficou tão bem-arrumado como a casa ideal, onde tudo estava ao alcance da mão. Enquanto fazia isso, o comissário trouxe-nos o champanha de boas-vindas. Peguei uma taça para oferecer a ela, mas me arrependi a tempo. Pois quis apenas um copo d'água, e pediu ao comissário, primeiro num francês inacessível e depois num inglês um pouco mais fácil, que não a despertasse por nenhum motivo durante o vôo. Sua voz grave e morna arrastava uma tristeza oriental.

Quando levaram a água, ela abriu sobre os joelhos uma caixinha de tocarador com esquinhas de cobre, com os batús das avós, e tirou duas pastilhas douradas de um estojo onde levava outras de cores diversas. Fazia tudo de um modo metódico e parcimonioso, como se não houvesse nada que não estivesse previsto para ela desde seu nascimento. Por último baixou a cortina da janela, estendeu a poltrona ao máximo, cobriu-se com a manta até a cintura sem tirar os sapatos, pôs a máscara de dormir, deitou-se de lado na poltrona, de costas para mim, e dormiu sem uma única pausa. sem um suspiro, sem uma mudança mínima de posição, durante as oito horas eternas e os doze minutos de sobre que o vôo de Nova York durou.

Foi uma viagem intensa. Sempre acreditei que não há nada mais belo na natureza que uma mulher bela, de maneira que foi impossível para mim escapar um só instante do feitiço daquela criatura de fábula que dormia ao meu lado. O comissário havia desaparecido assim que decolamos, e foi substituído por uma aeronoça cartesiana que tentou despertar a bela para dar-lhe o estojo de maquiagem e os auriculares para a música. Repeti a advertência que a bela havia feito ao comissário, mas a aeronoça insistiu para ouvir de sua própria voz que tampouco queria jantar. Foi preciso que o comissário confirmasse, e ainda assim a aeronoça me repreendeu porque a bela não havia colocado no pescoço o cartãozinho com a ordem de não ser despertada.

Fiz um jantar solitário, dizendo-me em silêncio tudo que teria dito a ela, se estivesse acordada. Seu sono era tão estável que em certo momento tive a inquietude que aquelas pastilhas não fossem para dormir e sim para morrer. Antes de cada gole, levantava a taça e brindava.
- À tua saúde, bela.

Terminado o jantar, apagaram as luzes, mostraram um filme para ninguém, e nós dois ficamos sozinhos na penumbra do mundo. A maior tormenta do século havia passado, e a noite do Atlântico era imensa e límpida, e o avião parecia imóvel entre as estrelas. Então contemplei-a palmo a palmo durante várias horas, e o único sinal de vida que pude perceber foram as sombras dos sonhos que passavam por sua frente como as nuvens na água. Tinha no pescoço uma corrente tão fina que era quase invisível sobre sua pele de ouro, as orelhas perfeitas sem os furinhos para brincos, as unhas rosadas da boa

HAUCUS EM FOLHA

Na prancheta o sonho assume formas concretas. Dia do Arquitecto. Darly O. Barros	Tarde de verão... As andorinhas, em bando, inventam baillados... Hermoclydes S. Franco	Seis horas da tarde. Revoada de andorinhas me prende à janela. Olíria Alvarenga
Belos cachos brancos... O jacinto em floração enfeita a alameda. Olíria Alvarenga	Ao cair da tarde – revoada de andorinhas cobre o casario. Maria Reginato Labruciano	Chove intensamente. Andorinhas se perfilam no beiral da casa. Walma da Costa Barros
Mais uma andorinha! – E um balé em preto e branco reabrindo o véu! Maria Madalena Ferreira	Com trajes de freira, rezando no alto do fio... - Devota andorinha! Humberto Del Maestro	Igreja da vila... Denito, fiéis a rezar, na torre, andorinhas... João Batista Serra
Junto ao edificio, criador e criatura. Dia do Arquitecto. Renata Paccola	Jacintos floridos no bageteiro da moto perfumam as ruas. O rio dá trêgua... No jardim ensolarado, jacinto desperta.	Perfume lirial! - No jardim abandonado... ...um jacinto em flor! Maria Madalena Ferreira
Ocaso vermelho. Andorinhas em adejos parram sobre a praça. Walma da Costa Barros	O frio dá trêgua... No jardim ensolarado, jacinto desperta. Humberto Del Maestro	Onze de dezembro, a casa ficou completa. Dia do Arquitecto. Maria App. Picanço Goulart
A flor do jacinto, que simboliza tristeza, alegra em perfume. Maria App. Picanço Goulart	Sol abre as paletas de seu leque de cristal, beijando os jacintos. Elen de Novais Felix	Andorinhas, aos bandos, pousam na torre da igreja. Pernoite gratuito. Olíria Alvarenga
Na torre da igreja um bando de andorinhas. Alegria no alto. João Batista Serra	Igreja no outeiro: andorinhas adejantes frequentam o culto. Walma da Costa Barros	Dia do Arquitecto! Ao grande e engenhoso artista, carinhos e abraços... Amália Marie G. Bornheim
Um sinal secreto. Todo o bando de andorinhas parte em revoada. Maria Reginato Labruciano	Silêncio na sala, o perfume do jacinto cala o vazerio! Anita Thomaz Folmann	Oculto em penhasco, quase esbarrando no céu... Ninho de andorinha. Elen de Novais Felix
Ramalhete de jacintos. Nanoro à vista. Cecy Tupinambá Ulhôa	Na esteira da torre, voa um bando de andorinhas enfeitando o céu. Renata Paccola	Não estão as serra... o perfume do jacinto me lembra... outros tempos. Maria Reginato Labruciano
Longa fila à porta do mais novo arranha-céu. Dia do Arquitecto! Elen de Novais Felix	Prédio terminado dupla manifestação: - Dia do Arquitecto. Anita Thomaz Folmann	Insetos fugindo Andorinhas no telhado atraindo olhares... Analice Feitosa de Lima

saúde e um anel liso na mão esquerda. Como não parecia ter mais de vinte anos, me consolei com a ideia de que não fosse a aliança de um casamento e sim de um namoro efêmero. "Saber que você dorme, certa, segura, leito fiel de abandono, linha pura, tão perto de meus braços atados", pensei, repetindo na crista de espuma de champanha o soneto magistral de Gerardo Diego. Em seguida estendi a poltrona na altura da sua, e ficamos deitados mais próximos que numa cama de casal. O clima de sua respiração era o mesmo da voz, e sua pele exalava um hálito ténue que só podia ser o próprio cheiro de sua beleza. Eu achava incrível: na primavera anterior havia lido um bonito romance de Yasumari Kawabata sobre os anciões burgueses de Kyoto que pagavam somas enormes para passar a noite contemplando as moças mais bonitas da cidade, nuas e narcotizadas, enquanto eles agonizavam de amor na mesma cama. Não podia despertá-las, nem toca-las, e nem tentavam, porque a essência do prazer era vê-las dormir. Naquela noite, velando o sono da bela, não apenas entendi aquele refinamento senil, como o vivi na plenitude.

- Quem iria acreditar - me disse, com o amor-próprio exacerbado pelo champanha. - Eu, ancião japonês a estas alturas.

Acho que dormi várias horas, vencido pelo champanha e os clarões mudos do filme, e despertei com a cabeça aos cacos. Fui ao banheiro. Dois lugares atrás do meu, jazia a anciã das onze maletas esparramada mal-acomodada na poltrona. Parecia um morto esquecido no campo de batalha. No chão, no meio do corredor, estavam seus olhos de leitura com o colar de contas coloridas, e por um instante desfrutei da felicidade mesquinha de não os recolher.

Depois de desfagor-me dos excessos de champanha me surpreendi no espelho, indigno e feio, e me assombrei por serem tão terríveis os estragos do amor. De repente o avião foi a pique, ajeitou-se como pôde, e prosseguiu voando a galope. A ordem de voltar ao assento acendeu. Sai em disparada, com a ilusão de que somente as turbulências de Deus despertariam a bela, e que teria de se refugiar em meus braços fugindo do terror. Na pressa estive a ponto de pisar nos olhos da holandesa, e teria me alegrado. Mas voltei sobre meus passos, os recolhi, os coloquei em seu regaço, agradecido de repente por ela não ter escolhido antes de mim o assento número quatro.

O sono da bela era invencível. Quando o avião se estabilizou, tive que resistir à tentação de sacudi-la com um pretexto qualquer, porque a única coisa que desejava naquela última hora de vôo era vê-la acordada, mesmo que estivesse enfurecida, para que eu pudesse recobrar minha liberdade e talvez minha juventude. Mas não fui capaz. "Que merda", disse a mim mesmo, com um grande desprezo. "Por que não nasci Touro?" Despertou sem ajuda no instante em que os anúncios de aterrissagem se acenderam, e estava tão bela e loça como se tivesse dormido num roseiral. Só então percebi que os vizinhos de assento nos aviões, como os casais velhos, não se dizem bom-dia ao despertar. Ela também não. Tirou a máscara, abriu os olhos radiantes, endireitou a poltrona, pôs a manta de lado, sacudiu as melenas que se penteavam sozinhas com seu próprio peso, tornou a pôr a caixinha nos joelhos, e fez uma maquiagem rápida e superflua, o suficiente para não olhar para mim até que a porta foi aberta. Então pôs a jaqueta de linde, passou quase que por cima de mim com uma desculpa convencional em puro castelhano das Américas, e foi sem nem ao menos se despedir, sem ao menos me agradecer o muito que fiz por nossa noite feliz, e desapareceu até o sol de hoje na amazônia de Nova York.

